



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

RAFAEL DAMIÃO DE LIMA SANTOS

**QUESTÕES DE ALEGORIA E CULTURA NA PEÇA A DONZELA
JOANA, DE HERMILO BORBA FILHO**

**GUARABIRA
2018**

RAFAEL DAMIÃO DE LIMA SANTOS

**QUESTÕES DE ALEGORIA E CULTURA NA PEÇA A DONZELA
JOANA, DE HERMILO BORBA FILHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura plena em Letras pela a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras.

Área de concentração: Literatura e Dramaturgia.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones

**GUARABIRA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237q Santos, Rafael Damiao de Lima.
Questões de alegoria e cultura na peça A Donzela Joana, de Hermilo Borba Filho [manuscrito] / Rafael Damiao de Lima Santos. - 2018.
31 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones, Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Alegoria. 2. Dramaturgia. 3. A donzela Joana. 4. Cultura Popular. I. Título
21. ed. CDD 306

RAFAEL DAMIÃO DE LIMA SANTOS


**QUESTÕES DE ALEGORIA E CULTURA NA PEÇA A DONZELA
JOANA, DE HERMILO BORBA FILHO**

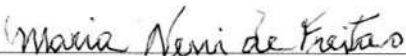
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura plena em Letras pela a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras.

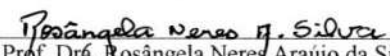
Área de concentração: Literatura e Dramaturgia.

Aprovada em: 30/11/18.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valões (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Maria Neni de Freitas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Rosângela Neres Araujo da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus pelo dom da vida, a minha família pelo apoio nessa jornada, e também a minha avó Maria José, que não está mais entre nós, mas está sempre viva em minha memória e nossos corações, me instruindo a ser um profissional dedicado pela área educacional. Aproveito ensejo e dedico também ao meu orientador Eduardo Cirilo Valones por ter me propiciado a oportunidade de trabalhar como pesquisador de seu projeto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu saúde e sabedoria para a consolidação desse trabalho.

Agradeço a minha família e especialmente aos meus pais, José Severino dos Santos e Jaqueline Araújo de Lima Santos, como também às minhas avós paterna e materna, e de forma muito especial a minha avó paterna, Dona Maria José da Silva, por sempre acreditar em meu potencial. Agradeço ao meu querido tio OFM.CAP Marcelo Araújo, por ser minha inspiração e por me incentivar sempre com suas palavras de sabedoria que mim faz crescer sempre como ser humano. Agradecer também a minha família pernambucana, particularmente a família Ferraz, representada especialmente nas pessoas de Maria Adelaide, Maria Angélica e Maria Auxiliadora, pessoas essas que foram responsáveis por me basilar de conhecimento.

Agradeço em particular ao meu professor, orientador, amigo e pai de conhecimento, Eduardo Cirilo Valones, que se dispôs a me orientar e me atender tão prontamente na construção desse trabalho. Agradeço pela confiança e disposição em me ajudar. À ele sou eternamente grato pela sua assistência nesse trabalho e que Deus o abençoe imensamente.

Agradeço aos meus professores da universidade, e de forma muito singela às professoras Rosângela Neres, Iara Martins, Aldinida Medeiros e de maneira muito especial a professora Maria Neni de Freitas, que para mim tem um significado muito notável, pois representa símbolo de sabedoria por ser uma professora que além de ensinar disciplinas ensina elementos essenciais para a vida que é justamente o amor pela profissão de ser professor.

Agradeço também aos amigos e amigas do curso de Licenciatura em Letras, por estarem sempre me apoiando na construção desse trabalho.

Por fim, agradeço aos amigos e amigas já professores nas pessoas de Daniele Souza, Tiago Muniz, Marcelo Felix e a minha professora de inglês Tiara Ribeiro que me ajudaram desde do início de minha vida acadêmica, me dando suporte e me auxiliando com suas experiências de professores a me tornar um bom profissional. Dessa maneira agradeço todos que direta ou indiretamente contribuíram para que fosse possível a realização deste trabalho.

“A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso, cante, chore, dance, ria e viva intensamente, antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos.”

Charles Chaplin

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar sobre as Questões de Alegoria e Cultura Popular na peça *A Donzela Joana*, de Hermilo Borba Filho, uma vez que estudaremos as características do texto teatral enquanto obra literária. Esse estudo buscou conhecer, através de teorias sobre a Cultura e Tradição Popular Nordestina, a categoria literária Alegoria na peça de Borba Filho. A proposta inicial dessa pesquisa foi examinar detidamente a construção da ação e das personagens na Dramaturgia Moderna. Então, esta composição tem por finalidade não só a análise dramaturgical da peça teatral, mas também analisar mais detalhadamente dois aspectos presentes no *corpus* desse, que são a Cultura e Tradição Popular Nordestina e a categoria literária da Alegoria presentes na peça. Assim, são os objetivos dessa investigação: realizar uma conexão entre literatura e dramaturgia e categorizar os aspectos da Cultura e Tradição Popular Nordestina, verificando os principais conceitos sobre Alegoria. E para a fundamentação teórica deste estudo, buscamos os teóricos João Adolfo Hansen, Sônia Maria Van Dijck Lima, Luís da Câmara Cascudo, entre outros. Portanto, observamos que literatura, História e dramaturgia se relacionam uniformemente, quanto a interpretação e releitura de produções, sejam elas textuais ou teatrais.

Palavras-chave: Alegoria. Dramaturgia. A donzela Joana. Cultura popular.

ABSTRACT

This work has the objective to analyze the Allegory Questions and Popular Culture in the play *The Maiden Joan*, from Hermilo Borba Filho, since we will study the characteristics of the theatrical text as a literary work. This knowledge searched to know, through theories about the Culture and Northeastern Popular Tradition, the literary category Allegory in the play of Borba Filho. The initial proposal of this research was to examine in detail the construction of the action and the characters in Modern Drama. So, the purpose of this composition is not only the dramaturgical analysis of the theatrical play, but also to analyze in more detail two aspects present in this *corpus*, which are the Northeastern Popular Culture and Tradition and the literary category of the Allegory that are present in this play. Thus, the objectives of this investigation are: to make a connection between literature and dramaturgy and to categorize the aspects of Northeastern Popular Culture and Tradition, verifying the main concepts about Allegory. And for the theoretical foundation of this study, we sought the theorists João Adolfo Hansen, Sônia Maria Van Dijck Lima, Luís da Câmara Cascudo, among others. Therefore, we observe that Literature, History and dramaturgy are related uniformly, as to the interpretation and rereading of productions, be they textual or theatrical.

Keywords: Dramaturgy. *The Maiden Joan*. Popular culture. Allegory

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
2 A ALEGRIA COMO FERRAMENTA DE INTERTEXTUALIDADE	Erro! Indicador não definido.
2.1 Elementos da Cultura Nordestina na Peça <i>A Donzela Joana</i>	21
3 ESTUDO CRÍTICO DA PEÇA A DONZELA JOANA	24
4 CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um estudo sobre a questão da Alegoria e da cultura popular, na peça *A Donzela Joana*, de Hermilo Borba Filho (doravante HBF), ao mesmo tempo em que faz uma análise sobre o texto teatral enquanto obra literária. Esse estudo buscou, através de teorias, sobre a Cultura e a Tradição Popular Nordestina como uma categoria literária onde podemos encontrar características alegóricas, que através dos seus personagens, percebemos uma referência à cultura e à realidade nordestina.

Sabemos que a Tradição popular nordestina possui grande diversidade, principalmente pelo fato de ser motivada por indígenas, europeus e africanos. Apesar de toda essa variedade cultural, as regiões nordestinas acabam por apresentar certas diferenças, algo que a torna extraordinariamente rica culturalmente. Por ter sido a região por onde os colonizadores chegaram primeiro ao nosso país, o Nordeste apresenta grande influência oriunda dos africanos trazidos aos estados de Pernambuco, Maranhão e Bahia. Dessa forma, a cultura nordestina é caracterizada como possuidora de diversas manifestações folclóricas, onde podemos destacar a grande contribuição literária para o cenário cultural brasileiro, algo que é de destaque neste trabalho.

A atuação do referido trabalho está voltada para a área da Literatura, uma vez que abordamos o estudo do texto teatral enquanto obra literária. Aristóteles, por exemplo, considera que a tragédia, mesmo sem representação cênica e sem atores, pode manifestar seus efeitos. Para o filósofo grego, “*a tragédia existe por si independente da representação e dos atores*”. Com isso, já justificamos nossos objetivos e a pertinência de nossas análises literárias. Subentendemos assim que é pertinente nosso projeto estudar o texto dramático enquanto escritura e proceder as análises literárias ao mesmo tempo, haja vista sua autonomia literária.

O termo Alegoria, do grego *allós* (outro); *agourein* (falar), mostra-se em seu significado retórico antigo, como uma aplicação do discurso, ou seja, trata-se de uma técnica metafórica que representa abstrações. Falar sobre alegoria também implica citar a “alegoria dos artistas”, assim como ficou chamada durante a Antiguidade greco-latina e cristã, como também pela Idade Média, em que fazia referência a maneira de falar e escrever, uma semântica das palavras, e sobre a “alegoria dos teólogos”.

Este trabalho faz uma análise sobre a alegoria verbal, pois faz uma analogia com a alegoria retórica presente na Peça *A Donzela Joana*, de HBF, de forma a estudar mais a fundo

o discurso metafórico presente nesse tipo de obra, como um procedimento de construção e interpretação dos discursos da referida peça, estes que fazem referência à cultura e a tradição popular nordestina.

Literatura e dramaturgia são duas áreas que estão intrinsecamente relacionadas. O teatro possui uma trajetória cujos pilares sofreram mudanças ao longo do tempo, estando atualmente com sua estrutura bastante diferente, tendo como fator importante quanto à sua estrutura de drama contemporâneo. Dessa forma, a literatura está em constante reinvenção, pois as obras clássicas acabam sendo “contraditas” por uma nova roupagem literária. Ou seja, no teatro podemos ver uma obra literária, mas com releitura diversa, que metaforicamente acaba por referir-se à outro contexto ou à algo.

Neste contexto, a cultura e a tradição popular nordestina encontram-se referenciadas na Peça *A Donzela Joana*, afinal, a arte da retórica e tem por finalidade chamar a atenção do público e, quando relacionada com a alegoria, causa certa curiosidade do expectador, fazendo-o questionar-se sobre a temática abordada, principalmente quando este repertório lhe é familiar, propondo a leitura de um novo texto por meio de diferentes aspectos. Portanto, mesmo sem abandonar sua formação erudita, HBF não abandonou seu forte compromisso com a cultura popular e com o povo nordestino, vendo no teatro uma chance de intervir para que as angústias do povo tivessem seu espaço cultural na História.

Para que os problemas da humanidade fossem recriados, HBF tomou a realidade nordestina como base para uma recontagem da História do Nordeste em consonância com a realidade a qual o povo desta região vivencia. Como é o caso de *A Donzela Joana* (1966), onde o autor usa o evento da expulsão dos holandeses de Pernambuco como tema para evidenciar o Nordeste como palco para recriar a personagem da donzela de Órleans: moça modesta do interior de Pernambuco, que tem a missão de expulsar os holandeses do estado, libertar Olinda e coroar João Fernandes Vieira.

Vemos que a realidade nordestina serviu como base para a criação da Peça, visto que, historicamente, o território nordestino passou por diversos eventos que deixaram marcas em sua cultura, política e, por que não dizer, em seu campo literário. A trama trata destas temáticas de forma bastante simples, mas ao mesmo tempo com um nível extraordinário de refinamento intertextual. Ou seja, HBF recriou fatos históricos com tempo e espaço distintos, mas que interagem entre si harmoniosamente, levando-nos a identificar como uma releitura bem elaborada é capaz de trazer um novo universo de interpretação.

A Donzela Joana foi escrita no auge do Teatro Popular do Nordeste, por isso a referência feita sobre a tradição cultural nordestina é mostrada de forma tão intensa. A

literatura do povo da região é radicalmente mostrada por meio da alegoria poética, a qual HBF consultou uma bibliografia literária e histórica para a preparação de sua obra. O autor cria na peça um clima bastante interessante, pois mescla o pastoril, o maracatu, o reisado e o cavalo marinho, gerando uma ligação dramática e atemporal de um acontecimento histórico que marcou o povo pernambucano.

Estudando a temática, podemos perceber as diferentes influências que uma mesma obra pode conter, de forma a fazer com que o leitor/espectador perceba como a literatura e a dramaturgia podem moldar-se uma à outra, criando e recriando fatos e ideias que as tornam ainda mais interessantes. O que faz deste estudo um meio de nos fazer com que enxergar, não apenas a estética em si, mas o que está no íntimo de uma produção literária e teatral.

Assim, promovendo um diálogo entre o erudito e o popular, a comédia e a tragédia, a alegoria presente na obra aqui analisada é algo que promove um estudo em que percebemos que a história da literatura é composta por um patrimônio de influências que tornam a literatura e o teatro dignos de mudanças que promovem produções das mais variadas possíveis.

Os capítulos seguintes intitulados como A Alegoria como ferramenta de intertextualidade, Estudo crítico da Peça *A Donzela Joana* e o capítulo de Conclusão, abordam a questão da Alegoria com a importância do apurado de informações sobre a referida Peça, através dos teóricos João Adolfo Hansen, Luís Câmara Cascudo, Aristóteles, Sheila Mayzanyela da R. Braga, Sônia Maria van Dijck Lima e Hermilo Borba Filho.

Para a realização deste estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, através de uma revisão de literatura com coleta de dados acerca do tema. Dentre os teóricos pesquisados, utilizamos como base teórica os livros, “Alegoria, construção e interpretação da metáfora”, de João Adolfo Hansen (2006), “Estudos críticos”, de Sônia Maria van Dijck Lima (2017), “Folclore do Brasil”, de Luís da Câmara Cascudo (2012) e “A Donzela Joana”, de Hermilo Borba Filho (1966). Nesse sentido, Lakatos (2003) diz que:

A leitura constitui-se em fator decisivo de estudo, pois propicia a ampliação de conhecimentos, a obtenção de informações básicas ou específicas, a abertura de novos horizontes para a mente, a sistematização do pensamento, o enriquecimento de vocabulário e o melhor entendimento do conteúdo das obras.

É necessário ler muito, continuada e constantemente, pois a maior parte dos conhecimentos é obtida por intermédio da leitura: ler significa conhecer, interpretar, decifrar, distinguir os elementos mais importantes dos secundários e, optando pelos mais representativos e sugestivos, utilizá-los como fonte de novas ideias e do saber, através dos processos de busca, assimilação, retenção, crítica, comparação, verificação e integração do conhecimento: Por esse motivo, havendo disponíveis muitas fontes para leitura e não sendo todas importantes, impõe-se uma seleção. (LAKATOS, 2003, p. 18)

Através desta pesquisa, procuramos respostas para indagações específicas que servirão como suporte dentro de um sentido teórico. Ou seja, a busca por fontes que sirvam de base para um estudo sólido dentro de uma temática nos estimula a buscar novos suportes para o desenvolvimento de um trabalho científico efetivo. Inicialmente, procurou-se realizar a leitura dos suportes teóricos para a construção deste trabalho. Buscamos analisar os temas relacionados com a base literária que serve de suporte para a Peça *A Donzela Joana*, de Hermilo Borba Filho, e como as ferramentas utilizadas pelo autor se destacam dentro de uma mesmo patamar.

A Metodologia é um meio para se alcançar uma meta diante de procedimentos sistemáticos para a vida acadêmica e docente. Portanto, podemos perceber que a prática da produção científica se dá quando fundamentada no que for coerente e eficaz. Segundo Saloman (1999);

Metodologia do trabalho acadêmico trata-se de um estudo sobre um tema específico ou particular, com suficiente valor representativo e que obedece a rigorosa metodologia. Investiga determinado assunto não só em profundidade, mas também em todos os seus ângulos e aspectos, dependendo dos fins a que se destinam. (SALOMAN 1999, *apud* BRAGA, 2012).

Primeiramente, um pesquisador precisa ter indagações sobre um assunto específico e na forma como vai desenvolver a sua pesquisa para chegar ao seu objetivo. Então, a metodologia é a principal forma do investigador administrar o seu objetivo. São métodos que ajudarão a chegar onde almeja, que é responder às suas dúvidas e certificá-las cientificamente. Portanto, para a realização dessa investigação científica, os livros estudados foram de total importância para a estruturação do que se pretendia como método científico. Para tanto, Lakatos (2003), ainda afirma que;

Os livros ou textos selecionados servem para leituras ou consultas; podem ajudar nos estudos em face dos conhecimentos técnicos e atualizados que contêm, ou oferecer subsídios para a elaboração de trabalhos científicos, incluindo seminários, trabalhos escolares e monografias. Por esse motivo, todo estudante, na medida do possível, deve preocupar-se com a formação de uma biblioteca de obras selecionadas, já que serão seu instrumento de trabalho. Inicia-se, geralmente, por obras clássicas, que permitem obter uma fundamentação em qualquer campo da ciência a que se pretende dedicar, passando depois para outras mais especializadas e atuais, relacionadas com sua área de interesse profissional. (LAKATOS, 2003, p. 19).

Assim, uma busca por respostas para a realização de um estudo científico precisa estar apoiada na organização do pesquisador em perceber qual o seu principal objetivo de análise,

para só então ir em busca de um suporte teórico integral no que diz respeito ao tema abordado. Assim, para relatar o estudo desenvolvido para os resultados almejados com esse trabalho, temos como meio o texto teórico de natureza dissertativa-reflexiva para debatermos sobre os questionamentos e dúvidas encontradas.

Através desta produção investigativa científica, buscamos delimitar este trabalho com base em uma análise através de fontes específicas, para avaliar, interpretar e relacionar informações que nos deram os conteúdos necessários para o bom desenvolvimento deste trabalho. Assim, percebemos através das pesquisas realizadas que a metodologia científica é de fundamental importância para o meio acadêmico, pois serve de apoio para subsidiar e coordenar as ideias que fundamentarão o trabalho de forma coerente e de acordo com as Normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), visto que este tipo de produção não pode ser feito de qualquer forma.

A metodologia para a elaboração de um trabalho científico desperta no pesquisador a percepção de que uma pesquisa científica é feita por etapas, as quais são instrumentos para o desenvolvimento do conhecimento.

2 A ALEGORIA COMO FERRAMENTA DE INTERTEXTUALIDADE

Quando falamos de interpretação, logo fazemos referência à construção de novas ideias que são fomentadas com base em um pressuposto dado, até mesmo usando de metáforas para referir-se a algo ou alguém. Baseado na construção e interpretação da metáfora, João Adolfo Hansen, crítico literário, pesquisador e estudioso da literatura colonial brasileira, estuda a alegoria como meio de interpretação de discursos e imagens. Segundo ele (HANSEN, 2006 *apud* LAUDSBERG, 1976), “a alegoria é a metáfora continuada como tropo de pensamento, e consiste na substituição do pensamento em causa por outro pensamento, que está ligado, numa relação de semelhança, a esse mesmo pensamento.”

Ainda de acordo com Hansen (2006);

Pensada como dispositivo retórico para a expressão, a alegoria faz parte de um conjunto de preceitos técnicos que regulamentam as ocasiões em que o discurso pode ser ornamentado. As regras fornecem *lugares – comuns – topoi* (grego) ou *loci* (latim) – e vocabulário para substituição figurada de determinado discurso, tido como simples ou próprio, tratando de determinado campo temático. (HANSEN, 2006, p. 9).

Dessa forma, chegamos à conclusão de que a retórica do discurso é resultado de ações que complementam argumentos que retomam a emoção e a representação. Assim, na peça estudada para este trabalho, podemos observar que há a presença predominante de argumentações com uma retórica emotiva e representacional. Por mais que a manifestação da linguagem tente racionalizar o discurso, a presença emotiva causa sensibilização, e a representacional, crédito.

Quando se analisa discursos do ponto de vista retórico, há uma percepção mais rebuscada sobre este tipo de ornamentação alegórica, como no mostra Hansen (2006);

A alegoria definida como procedimento de ornamentação pode ser estudada mais detidamente a partir de um poema do primeiro livro das *Odes*, de Horácio. Nele, a Ode XIV, *Ad Rempublicam* (À República), aqui traduzida bastante livremente, desenvolve um lugar-comum alegórico, o da viagem por mar.

À República
 Ò, nave, levam-te ao mar novas
 Ondas! Que fazes? Rápido entra
 No porto. Não vês como
 O costado deitado de remos
 E o mastro ferido do rápido Africo
 E as vergas gemem, e como sem cordas
 A quilha mal pode suportar
 O mar enfurecido? Não tens velas inteiras
 [...]
 Outrora meu sofrimento e inquietação,
 Hoje preocupação e cuidados,

*Evita os mares extensos
Entre as Cícladas brilhantes.*

Ao que parece, Horácio compôs a Ode depois da Batalha de Filipos (42 a. C.). O navio alegoriza Roma, o mastro destruído designa Pompeu, assassinado no Egito por ordens de Ptolomeu. (HANSEN, 2006, p. 27)

A expressão de alegoria trata-se da metáfora na maneira como representa e personifica o imaterial. E quando falamos de alegoria vemos que existem duas: a alegoria construtiva, que se trata da arte da retórica, conhecida também como a alegoria dos poetas, e a alegoria interpretativa ou alegoria dos teólogos, que é uma maneira de decifrar e entender fatos, sendo esta uma alegoria caracterizada como um modo de interpretação crítica. A alegoria caracterizada como método de ilustração pode ser analisada a partir da Peça *A Donzela Joana*, de Hermilo Borba Filho. Com relação à alegoria, Hansen (2006) nos diz que;

Nesse sentido, ela é um procedimento construtivo, constituindo o que a Antiguidade greco-latina e cristã, continuada pela Idade Média, chamou de “alegoria dos poetas”: expressão alegórica, técnica metafórica de representar e personificar abstrações. Escrever sobre ela implica, pois, retomar a oposição retórica *sentido próprio/sentido figurado*, não para validá-la, mas para reconstituí-la em alguns pontos de seu funcionamento antigo e de suas retomadas. (HANSEN, 2006, p. 7).

Mesmo acumulando uma cultura sábia, HBF não deixou para trás seu compromisso com a cultura popular que herdou do seio nordestino, região em que nasceu ou de onde inspirou-se para criar universos fascinantes, tendo o povo nordestino como inspiração. Defensor de um teatro do Nordeste, defendia que a transformação dos dilemas que oprimem a humanidade é necessária para uma representação coletiva. E, com o evento da expulsão dos holandeses de Pernambuco, escreveu *A Donzela Joana* (1966).

Usando o Nordeste como palco de sua obra, recriou o perfil da Donzela de Orléans, assim como ficou conhecida Joana D’arc, heroína e mártir durante a Guerra dos Cem anos. Pelo fato de o dramaturgo acreditar que o Nordeste possui diversas histórias heroicas que precisam ser mostradas ao público. Dessa forma, a temática abordada em *A Donzela Joana*, é a luta para a expulsão dos holandeses que se estabeleceram em Pernambuco, bem como os feitos de Joana D’arc. Tais eventos foram representados de forma alegórica, com a presença integral da cultura nordestina como resultado do seu contato com a literatura, folguedos e espetáculos do povo da região, como nos diz Borba Filho (1966);

Tudo o que de dramático e técnico existe nesses espetáculos foi aplicado a minha peça: anti-ilusionismo, arbitrariedade, desrespeito às unidade e à verossimilhança – não de maneira forçada ou proposital, mas como resultado da integração com o espírito dramático de uma região, por consequência com ressonâncias universais. (BORBA FILHO, 1966 “orelha” *apud* LIMA, 2017, p. 96).

Para tanto, HBF fez diversas pesquisas bibliográficas literárias e históricas para a produção da referida peça, tanto que, para que a cultura popular fosse manifestada no desenvolvimento do conflito da Peça, consultou autores como Érico Veríssimo (*A vida de Joana d' Arc*), C. R. Boxer (*Os holandeses no Brasil*), Bernard Shaw (*Santa Joana*, entre outros). A História não é contada exatamente como aconteceu, mas vale-se da alegoria para fazer referência à guerra contra os holandeses, de forma a percorrer atitudes heroicas em um cenário brasileiro.

O autor estabelece uma incrível relação entre o pastoril, mamulengos, maracatu, reisado, cavalo marinho, bumba-meu-boi, cancionista e o maracatu com o drama colocado quando se refere aos atos heroicos de Joana D' Arc e dos acontecimentos entre pernambucanos e holandeses. A realidade nordestina brasileira, com seus problemas, surge, portanto, de forma atemporal como sinal de persistência do povo nordestino. Para Cascudo (2012);

Todos os países do Mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado pelo costume. Esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais, domésticos ou nacionais. (CASCUDO, 2012, p. 9)

E essa dinâmica torna a referida obra bastante dinâmica, pois trata de eventos históricos diferentes, mas que se relacionam perfeitamente. Trata-se do fruto de muita pesquisa e leituras para que os elementos da cultura nordestina sejam destacados na peça, ao mesmo tempo que retratam situações de outros países e realidades que, indiscutivelmente, não deixam de fazer referência ao drama que o povo pernambucano e nordestino enfrenta ao longo do tempo.

Nesse sentido, Hansen (2006), afirma que;

Como a metáfora, o hipérbato ou a ironia, a alegoria é apenas um modo de formar entre outros, virtualidade significativa, não sendo adequado hipostasiá-la numa essência – a Alegoria – cuja “maldade” é deplorada romanticamente. Afinal, há boas e más alegorias, e a recusa de *um* mundo não significa, necessariamente, recusa *do* mundo. Se a alegoria fosse somente o que se diz que é – um artifício mediante o qual uma série de imagens, como escreve Croce – seria difícil considerar seu mau uso. (HANSEN, 2006, p. 24)

Portanto, não é necessário reprimir o que já aconteceu, até porque não seria interessante repetir um pensamento, mas fazer com que haja uma representação sofisticada, uma expansão de significados através de diferentes sentidos.

2.1 Elementos da Cultura Popular Nordestina na Peça *A Donzela Joana*

A Peça acompanha o mesmo propósito da História, mas com personagens que fazem menção aos protagonistas da Batalha dos Guararapes e à Donzela de Orléans de forma alegórica. Joana D'Arc, heroína francesa e chefe militar da Guerra dos Cem Anos, e João Fernandes Vieira, um dos principais chefes militares para a expulsão dos holandeses de Pernambuco, são representados por bonecos de mamulengo.

[...] Convivem, por exemplo, no mesmo plano: personagens como Joana e Vieirinha; bonecos saídos do mundo do mamulengo, como Benedito, Cabo 70, João Redondo, Casimicoco, Balula; figuras do bumba-meu-boi, como a Cantadeira, o Caboclo do Arco e o Morto-Carregando-O-Vivo; as Pastoras vindas do pastoril e uma multidão de outras criaturas que habitam as criações populares. (LIMA, 2017, p. 99)

As falas dos personagens da Peça foram escritas tanto com base nos fatos já mencionados, como através dos textos do pastoril e mamulengo. Esse foi o objetivo de Hermilo Borba Filho: criar uma variedade de discursos para mostrar a cultura popular do nordeste através de uma concepção teatral e singular. São o Carnaval, o São João e o Natal as maiores concentrações de folguedos populares da Região Nordeste, tornando a região rica em características próprias e que ao mesmo tempo foram transmitidas pela interação dos povos colonizadores, da influência africana e indígena.

Vale salientar que a cultura representa uma cadeia de conhecimentos arte, costumes, literatura e hábitos de diferentes grupos. A cultura do Nordeste brasileiro desenvolveu hábitos próprios com relação ao mundo e às manifestações culturais. Esses hábitos foram transmitidos de geração em geração. Podemos citar também a literatura, que muito contribuiu para a cultura brasileira, sobre a qual podemos citar a literatura de cordel que veio para o Nordeste através dos portugueses e de diversas manifestações artísticas, como os cantadores de repentes e de embolada.

O Brasil é rico em diversidade cultural, e a região Nordeste se destaca nesse sentido, devido à herança cultural que herdou dos colonizadores concentrando o maior número de estados do país. No que diz respeito à religião, o povo nordestino é composto em sua maioria por fiéis fervorosos, que evidenciam a religiosidade do povo nordestino. E nessa temática,

fazemos uma menção à Joana D’Arc, heroína e santa da igreja Católica, figura esta, uma das personagens protagonistas da Peça *A Donzela Joana*, que, como nos diz Hansen (2006):

A interpretação das coisas e homens da Bíblia como alegoria factual pressupõe que, por ser criado por Deus, o tempo é análogo Dele como semelhança e oposição dos eventos. Orientadas por essas concepção, duas operações complementares são aplicadas aos textos sagrados. Por uma delas, todas as diferenças temporais dos eventos e seres do *Velho Testamento* e do *Novo*, como as vidas de profetas, reis de Israel e Cristo, participam da identidade do conceito indeterminado de Deus como seres reflexos ou predicados dos mesmos. [...] Desta maneira, no espaço e no tempo, os eventos, as coisas e os homens se distinguem em número e passam, porque são infinitos; o Conceito que os funda, contudo, é absolutamente idêntico a si mesmo – perfeito, absoluto, infinito e eterno – quando sempre se repete em todos os tempos. (HANSEN, 2006, p. 104)

De certa forma, a obra de Borba Filho, aborda as duas formas de alegorias, tanto a retórica, ou seja, alegoria dos poetas, quanto a alegoria dos teólogos. Primeiro porque a alegoria dos poetas é uma semântica das palavras, e segundo porque a alegoria dos teólogos é uma semântica de realidades. Portanto, a alegoria é um método proposital do autor para fazer uma releitura de acontecimentos, coisas e pessoas de forma metafórica, algo que Borba Filho fez de forma fascinante. O mesmo, em sua obra, *A Donzela Joana*, desenvolveu tal enredo de forma crítica e hermenêutica, tecendo eventos históricos de forma figurada na estrutura da própria obra de ficção, como nos mostra Hansen (2006):

Por isso, frente a um texto que se supõe alegórico, o leitor tem dupla opção: analisar os procedimentos formais que produzem a significação figurada, lendo-a apenas como convenção linguística que ornamenta um discurso próprio, ou analisar a significação figurada nela pesquisando seu sentido primeiro, tido como preexistente nas coisas, nos homens e nos acontecimentos e, assim, revelado na alegoria. (HANSEN, 2006, p. 9)

Analisando a alegoria dos teólogos, que é cristã e medieval, vemos que a menção à Guerra dos Cem Anos e os feitos de Joana D’Arc, fatos estes que são citados até no título dado à Obra *A Donzela Joana*, personagem esta que é uma moça simples do interior de Pernambuco, escolhida para abjurar Olinda e nomear João Fernandes Vieira (Vieirinha), é porta voz do povo, afirmando a pureza da Virgem Maria de forma metafórica, destacando a simplicidade do saber popular. Seu argumento com relação à igreja e seus eruditos nos traz uma abordagem velada sobre o mistério da teologia mesclada com o conhecimento simples do povo pernambucano/nordestino.

Escrita numa fase crítica da História brasileira, *A Donzela Joana* ao transportar para nosso país a experiência da santa guerreira, vítima da política

dos poderosos, aponta para uma proposta de resistência e fé na vitória conquistada na luta pela restauração da verdade e dos direitos da cidadania. (LIMA, 2017, p. 103).

Vemos que há um diálogo entre o universal e o regional, o erudito e o popular, de forma que o profano e o sagrado são satirizados de maneira metafórica, em que a intertextualidade de acontecimentos históricos franceses e pernambucanos se fundem de forma homogênea. O objetivo de liberdade universal, a crença religiosa inabalável e a cultura nordestina são elementos de destaque e que fundamentam a produção de Hermilo Borba Filho. Segundo o mesmo: “Afim de contas, o que é a história da literatura senão um legado de influências, uns influenciando os outros e indicando caminhos?”. (BORBA FILHO, sd, 1966 *apud* LIMA, 2017, p. 103).

Nesse sentido, podemos observar que a literatura e a dramaturgia acabam, direta ou indiretamente, ornamentando o discurso, seja ele descritivo ou narrativo, falado ou escrito. E essa noção alegórica funciona como uma transposição do “significado da designação *b* pode ser totalmente independente do significado da abstração *a*”. (HANSEN, 2006, p. 17). Assim, a alegoria ultrapassa o pensamento esperado, substituindo o significado imediato pelo discurso requintado, mas transparente e imediato.

Podemos dizer que HBF destacou a realidade histórica e popular nordestina como forma de criar e recriar eventos históricos que podem moldar-se como forma de análise crítica e literária. O mesmo utilizou o popular como fonte poética, trazendo para literatura erudita características preservadas pela cultura popular. Comum de narrativas populares, a heroína vem de outro país para uma região distante do leitor/espectador, bem como a composição do espaço, que procede de fatos históricos para criar uma nova realidade espacial.

[...] O texto foi escrito em plena experiência do Teatro Popular do Nordeste, por isso a presença de conteúdos da cultura nordestina ocorre de maneira radical. Assim, apontar a luta entre pernambucanos e holandeses como assunto dessa obra e constatar a introdução de Joana d’Arc nas hostes libertadoras é muito pouco. Na verdade, como declarou o autor, *A Donzela Joana* resulta de uma vida em contato com os espetáculos, folguedos e literatura do povo da região: bumba-meu-boi, mamulengo pastoril, romanceiro, cancionero. (LIMA, 2017, p. 96)

O deslocamento dos elementos narrativos próprios de uma História para uma nova estrutura de interpretação não torna a alegoria inferior ao seu conceito, mas temporariamente frequente, como nos mostra Hansen (2006), que “em outros termos, romanticamente o símbolo é o universal *no* particular; a alegoria, o particular *para* o universal”.

3 ESTUDO CRÍTICO DA PEÇA A DONZELA JOANA

Examinou-se detidamente, por meio de leituras, como se configura a construção da ação e das personagens na Dramaturgia Moderna, à qual pertence *A Donzela Joana*, de Hermilo Borba Filho. Nos detivemos nos aspectos mais importantes e fundamentais para um bom entendimento dos elementos da ação e das personagens da já citada peça. Com este trabalho, procuramos dados suficientes para evidenciar, na peça de Filho, como se dá a construção da ação e do herói. Esgotados os procedimentos metodológicos em relação aos estudos teóricos iniciais, buscamos categorizar, por meio de leituras sobre o assunto, dois aspectos intertextuais da peça: a presença da Cultura e Tradição Popular Nordestina que está diretamente ligada à composição da referida peça, e também as questões de Alegoria.

Com os indícios da Cultura e Tradição Popular Nordestina, buscamos entender suas principais características e, assim, as relações intertextuais da obra específica, investigando os principais conceitos e a configuração de Alegoria. Dessa forma, buscamos a compreensão dessa importante categoria literária. Feito esses estudos preliminares, procedemos aos processos de pesquisa e análises do texto teatral brasileiro *A Donzela Joana*, para aferirmos o agenciamento desses conceitos e aplicá-los no texto da peça.

Estudando a Cultura e a Tradição Popular Nordestina, bem como questões de Alegoria, na Peça *A Donzela Joana*, de Borba Filho, e para a pesquisa sobre esta temática, foi realizada uma pesquisa através da realização de leituras acerca do tema, categorizando os aspectos da Cultura e da Tradição Popular do Nordeste, verificando os principais conceitos de Alegoria. Também foi de extrema importância o estudo feito sobre a vida do autor, Hermilo Borba Filho contribuiu para o melhor entendimento sobre os motivos que o levaram a escrever a peça. Dessa maneira, foi feita uma breve biografia de Borba Filho, que serviu para entender de onde vinha sua admiração pela cultura popular, e também pela história da construção do Teatro Popular do Nordeste que tanto influenciou na produção artística de Borba Filho.

Hermilo Borba Carvalho Filho nasceu no dia 8 de julho, de 1917, no Engenho Verde, município de Palmares, Zona da mata-sul de Pernambuco. Sendo o último filho de Hermilo Borba Carvalho e Irinéa Portela de Carvalho, desde pequeno foi atraído pelo gosto pela leitura de sua mãe, Néa, assim como ele a chamava, que dentre outros dotes, possuía o hábito de ler folhetins e livros, fato esse que inspirou o jovem pelo gosto das letras. Seu interesse pela literatura e pela arte do teatro veio através do Clube Literário de Palmares, quando ele teve contato com as obras de vários autores que no futuro lhe inspiraram.

Percebemos que o autor sempre se interessou muito pela leitura e pela arte do teatro, embora também tenha sofrido influência de vários autores como Stendhal, Hugo, Chateaubriand, Baudelaire, Voltaire, José de Alencar, Machado de Assis, entre outros, fato esse que só foi possível por um dos principais pontos de influência de sua vida que foi o professor Miguel Jasselli, que levou o jovem estudante para a Sociedade de Cultura de Palmares. Depois de uma breve passagem pela cidade de Garanhuns, no ano de 1936, Hermilo Borba Filho mudou-se para a capital pernambucana, com o intuito de continuar seus estudos. Já em Recife, o professor Miguel Jasselli o apresentou para outro grande amigo, Samuel Campelo, que o convidou para participar do grupo “Gente Nossa”, que era um grupo profissional de teatro.

A partir desse momento, o autor começou a ajudar como ponto, sendo, posteriormente, promovido a função de ator. Ainda no Recife, Hermilo exerceu diversas atividades para ganhar a vida e também cursou Medicina e Química Industrial, porém não terminou ambos os cursos. Em 1946, entrou para a Faculdade de Direito da Universidade do Recife, e no dia 7 de dezembro, de 1950, tornou-se Bacharel em Direito, profissão que ele nunca exerceu, pois sua maior paixão era a arte da dramaturgia. No ano de 1941, ingressou no jornalismo e teve como área de atuação a crítica teatral, marcando, assim, a arte nordestina. Em seguida, em 1943, teve grande participação na fundação do Teatro Operário do Recife, que era ligado ao Sindicato de Fiação e Tecelagem. Em 1946, Hermilo Borba Filho tomou a iniciativa de retomar as atividades do Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP).

Borba Filho contava com a parceria dos seus amigos da Faculdade de Direito, Ariano Suassuna, Gastão de Holanda, Lula Cardoso Ayres, entre outros que contribuíram para retomada do TEP. Mas, no ano de 1952, partiu para a cidade de São Paulo e encerrou suas atividades no TEP. Já em 1958, voltou para a capital pernambucana, onde inaugurou a disciplina de História do Teatro, no Curso de Teatro da Universidade Federal de Pernambuco e começou sua carreira de professor universitário. Na volta, reencontrou os antigos amigos e fez novas amizades, algo que contribuiu de forma considerável para que desse continuidade às suas ideias e seus projetos.

Junto com Ariano Suassuna, José Carlos Cavalcante Borges, Gastão de Holanda, José Moreas Pinho, Capiba, Aldomar Conrado e Leda Alves, fundou o Teatro Popular do Nordeste (TPN). Essa segunda fase de Borba Filho, em Pernambuco, foi marcada pelo surgimento de uma grande amizade e admiração para com sua aluna e atriz, Leda Alves, que, mais tarde, resultaria na principal personagem da sua vida, quando casaram-se no dia 8 de janeiro de 1969. Leda deu-lhe um novo norte, pois tornou-se fonte de inspiração de diversas obras e sua

companheira até a morte. No ano de 1960, junto com Alfredo de Oliveira, participou da criação do Teatro de Arena do Recife, no qual ele se tornou diretor.

Por fim, Borba Filho foi um grande autor de várias peças de teatro, romances, contos e novelas, mas além de tudo isso, foi um grande ser humano, que apesar de, desde pequeno reconhecer a realidade da dureza da vida nordestina, foi responsável por colocar nas suas obras personagens cheios de alegria, que contagiavam as pessoas. Falar de Hermilo é falar de um homem que respirava arte e amava cultura. Faleceu no dia 2 de junho de 1976, mas deixou um grande legado para a formação do teatro Nordeste onde, em 1983, com a iniciativa da Prefeitura de Palmares (PE), foi instituída a Fundação Casa da Cultura Borba Filho. E na cidade de Recife, em 1988, foi criado pela Prefeitura da Cidade do Recife, o Centro de Formação das Artes Cênicas Apolo-Hermilo.

A pesquisa bibliográfica sobre a biografia do autor foi de fundamental importância para a compreensão dos fatos implícitos que circundam o texto. Dessa forma, percebemos que alcançamos todos os objetivos iniciais, levando em consideração as expectativas propostas pelo projeto. Os resultados de nossas pesquisas serão levados a um estudo ainda mais aprofundado futuramente, com o objetivo de compartilhar e despertar o interesse de pesquisadores de outras áreas de estudo, na construção de significados e análise de suas respectivas temáticas.

A peça de teatro “*A Donzela Joana*”, do autor pernambucano, apresenta grandes feitos históricos como a expulsão dos holandeses em Pernambuco (1645), além de fazer alusão a outros fatos históricos como, por exemplo, a Guerra dos Cem Anos (1337-1453), conflito que aconteceu entre França e Inglaterra, trazendo como uma das principais personagens, a santa guerreira, Joana Darc ou como é conhecida, a donzela de Orleans. A peça também faz referência a ditadura militar ou regime militar que aconteceu no Brasil por volta dos anos 1964 a 1985, ano em que marca a restauração dos direitos políticos.

Na obra não se tem uma reconstituição fiel da Guerra dos Cem Anos, nem da expulsão dos holandeses do nordeste brasileiro, mas sim, contar a história desses grandes fatos históricos, impondo a presença de elementos da cultura popular, como por exemplo, introdução de bonecos de mamulengo (tipo de fantoche típico do nordeste brasileiro), do bumba-meu-boi (dança do folclore brasileiro) e as cantigas de lavadeiras do pastoril (folguedo popular do Nordeste). A ideia de Borba Filho era que os elementos da cultura popular já citados anteriormente contracenassem no palco com personagens humanas. Boa parte dos personagens representa alegorias que são elementos concretos que significam ou representam ideias abstratas, na maioria das vezes relacionadas a virtude.

De acordo com Fernando Teixeira (2007, p. 116 *apud* LIMA, 2017, p. 98) primeiro diretor a montar a Peça *A Donzela Joana*, em 1978, nos diz que;

Ela [*A Donzela Joana*] se constitui de uma fusão maravilhosa entre pastoril, reisado, cavalo marinho, maracatu, mamulengos: todos vão surgindo, se envolvendo, criando suas ligações dramáticas e, logo o clima desejado pelo autor. A colocação da heroína francesa Joana D’Arc dentro da realidade nordestina e dos problemas da época, liga-se ao tempo da presença holandesa no nordeste brasileiro, de onde ela se lança ao espaço e ao tempo, colocando-se diante de nós atualíssima como aqueles seres da resistência transcendental que surgem quando não há outra saída. (TEIXEIRA, 2007, p. 116).

A peça apresenta diversas alegorias, onde é possível perceber que Hermilo Borba Filho fez uma analogia entre os tempos difíceis que a França enfrentou durante o período da Guerra dos Cem Anos e os períodos difíceis que o Brasil enfrentou durante a Ditadura Militar, como nos é apresentado através da fala da personagem Joana:

Joana

Quando o inimigo quer vir
 não manda avisar a ninguém,
 não quer saber se um vai mal
 e nem se o outro vai bem
 e não procura saber
 que idade o Fulano tem.
 Todo mundo tem certeza
 que a Holanda vai ganhar
 porque quem briga com ela
 é jogador de bilhar:
 por boa que seja a vaza,
 se ganhar deixa na casa,
 se perder tem de pagar!
 A pobreza no Brasil
 terá muito que sofrer,
 porque se vai numa venda
 o dono custa vender,
 o sujeito mete os pés:
 - “Carne velha é a dez réis”!
 E ninguém pode comer.
 O pobre é quem paga o pato,
 apertado que é um horror.
 O rico milionário
 nada faz a seu favor!
 E o pobre somente teme
 porque, quando o rico geme,
 o pobre é quem sente a dor.

(FILHO, 1966, p. 14)

Joana, personagem principal da peça, é uma jovem humilde do interior de Pernambuco, que recebe a missão dada por São Miguel e Santa Catarina, de libertar Olinda

das mãos holandesas e coroar Vieirinha (João Fernandes Vieira). Filho também faz analogia entre o tribunal do Santo Ofício, ou Inquisição, que tem poderes para julgar e condenar à morte os réus considerados infiéis com a ditadura militar que também condenava os opositores do regime ditatorial. Exemplo disso é o fragmento do texto abaixo que representa a canção dos inquisidores que eram responsáveis por julgar os supostos crimes:

CANÇÃO DOS INQUISIDORES

Estão sob nossa alçada
Todos os crimes humanos
Que ofendam a Santa Igreja:
Quem faça feitiçaria,
Leia livro proibido
Ou se entregue à bigamia
Ou a falso misticismo
Ou pratique a heresia
Terá o seu julgamento
E a sua condenação.
(FILHO, 1966, p. 83)

Após a análise da obra, podemos perceber o quanto esta possui características de análise literária presente no desenrolar dos fatos que a compõem. É nítido como Hermilio Borba Filho usou de fatos históricos de diferentes culturas e nacionalidades para compor uma história tão rica de informações e, ao mesmo tempo, fazer uma crítica ao momento em que o Brasil vivia na época em que a peça foi escrita.

Mais uma vez, a figura feminina surge como uma implicação social em meio à uma produção artística que remete a um fato histórico. Ou seja, a mulher é representada como vítima dos poderosos, vista como sinônimo de força e resistência em prol dos direitos políticos e sociais. Também podemos destacar os personagens Balula, que representa a figura de André Vidal de Negreiros, Vieirinha, personagem que nos remete à pessoa de João Fernandes Vieira e Caboclo do Arco, figura que representa Felipe Camarão, personagens estes que foram os heróis na época da expulsão dos holandeses no Nordeste brasileiro.

4 CONCLUSÃO

Por meio deste estudo é possível compreender a influência que a cultura popular nordestina tem na peça *A Donzela Joana*, de Hermilo Borba Filho. Ao estudarmos tal temática, percebemos o quanto o gênero teatral da Dramaturgia Moderna pode remeter à diferentes contextos, principalmente históricos e culturais. Com este estudo procuramos investigar e analisar a categoria literária Alegoria, buscando um conhecimento mais abrangente sobre esta figura de linguagem, pois trata-se de um estudo inerente para a dramaturgia e para a literatura. Tendo em vista as pesquisas feitas, é possível afirmar que tais objetivos foram alcançados, o que desperta o interesse e a sensibilidade do leitor em perceber os temas implícitos dentro de uma obra.

Enquanto pesquisadores, foi possível verificar mais detalhadamente a construção de tempo e espaço que o dramaturgo, Borba Filho, faz acerca da personagem principal da peça. Verificamos as semelhanças existentes entre o espaço/tempo a que a peça se refere, constatando que o contexto em que a peça ocorre é representada através de Alegorias que permitem uma releitura da Guerra dos Cem Anos, ao mesmo tempo em que apresenta a cultura popular do Nordeste. Deste modo, constatamos que Hermilo Borba Filho configurou o texto da peça, inserindo uma representação intertextual, de forma análoga.

De modo geral, ao estudarmos a temática da obra, identificamos elementos típicos das expressões características das artes populares do Nordeste brasileiro e das manifestações em prol de direitos políticos semelhantes, mas de épocas distintas. O autor incita à percepção das particularidades implícitas do texto, fazendo com que o senso crítico do leitor seja estimulado.

Portanto, podemos destacar a produção artística teatral, e também destacar e valorizar a heterogeneidade popular e suas particularidades, além de apresentar características que nos remetem à fatos históricos e culturais que são necessários para a criação de uma determinada obra, bem como para uma maior compreensão sobre os motivos que levaram tal autor a produzir um texto da maneira como foi feito e com as características que possui.

Este estudo nos leva a entender que a dinamicidade que pode existir no teatro, bem como no texto literário, são indispensáveis no que diz respeito à intertextualidade presente em produções literárias distintas. E essa relação faz com que diferentes temas sejam abordados ao mesmo tempo, de modo que haja a interpretação de diferentes momentos históricos em um mesmo nível de leitura. Assim como também faz menção à resistência do povo da região Nordeste como vítimas da política e dos poderosos, vemos que a questão religiosa também

em destaque na Obra de Hermilo Borba Filho, pois o enredo da peça trata da fé e dos direitos da cidadania.

Almejamos que esta pesquisa possa colaborar para despertar o interesse e a sensibilidade do leitor em perceber como a cultura popular é importante e está presente em diferentes contextos sociais e históricos, evidenciando que teatro e literatura possuem estreita relação com as questões de alegoria. Leitor e ouvinte podem entender e identificar menções a diferentes contextos dentro de uma mesma obra, afinal, em especial, o diálogo entre o erudito e o popular torna a questão da tragédia, da comédia e da sátira um suporte para diversas produções literárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Arte retórica e Arte poética**. Trad. Antonio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, 1966.

BORBA FILHO, Hermilo. **A Donzela Joana**. 15ª ed. Petrópolis: Coleção Diálogo da Ribalta, 1966.

BORBA FILHO, Hermilo. **Teatro do povo**. In: **Diálogo do Encenador – teatro do povo, Mise-enscène e A donzela Joana**. Recife: Edições Bagaço e Editora Massangana, 2005.

BRAGA, Sheila Mayzanyela da R. **A Importância da Metodologia do Trabalho Acadêmico no Ensino Superior**. Pedagogia. Disponível em <pedagogia.com.br> Acesso em 10 de novembro de 2018.

CASCUDO, Luís da Câmara. 1898 – 1986. **Folclore do Brasil : (pesquisas e notas) / Luís da Câmara Cascudo**. – [3.ed.] – São Paulo : Global, 2012.

CASCUDO, Luís da Câmara, 1898 – 1986. **Geografia dos mitos brasileiros / Luís da Câmara Cascudo**. – 3. ed. – São Paulo : Global, 2002.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria: construção e interpretação da metáfora**. São Paulo: Hedra/UNICAMP, 2006.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica 1** Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003

LIMA, Sônia Maria van Dijck. Hermilo **Borba Filho: fisionomia e espírito de uma literatura**. São Paulo: Atual, 1986.

LIMA, Sônia Maria Van Dijck. **Estudos críticos: Guimarães Rosa, Luís Jardim, Luiz Ruffato, Hermilo Borba Filho, Chico Buarque**. / Sônia Maria Van Dijck Lima. – João Pessoa: Ideia, 2017.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário d termos literários / Massaud Moisés**. – 12 ed. ver., ampl. e atual. – São Paulo: Cultrix, 2013.